

A PERCEPÇÃO DO PROFESSOR FRENTE À AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

TEACHER'S PERCEPTION OF LEARNING EVALUATION

Shirlei Alexandra Fetter¹

Raquel Karpinski Lemes

Cleci Senczkowski da Silva

Resumo: O presente estudo tem como objetivo analisar a forma de avaliação da aprendizagem. A pesquisa apresenta viés qualitativo e foi realizada com três professores e três alunos de 3º ano ao 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal. Com os resultados obtidos, pôde-se perceber que o processo de avaliação se destaca no Projeto Político-Pedagógico da escola e nas atividades práticas de avaliação realizadas pelos docentes. Conclui-se que a avaliação é importante ao considerar o processo de aprendizagem no decorrer do percurso.

Palavras-chave: Professores. Aprendizagem. Avaliação. Relação.

Abstract: The present study aims to analyze the form of evaluation of learning. The qualitative research project was carried out with three teachers and three students from the 3rd to the 5th year of elementary school in a public school of the municipal network. With the results obtained, it was possible to perceive that the evaluation process stands out in the school's Political-Pedagogical Project and in the practical evaluation activities carried out by the teachers. It is concluded that evaluation is important when considering the learning process during its course.

Keywords: Teachers. Learning. Evaluation. Relationship.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A avaliação da aprendizagem é um fator importante e polêmico no meio escolar. Esse assunto gera dúvidas e discussões entre o grupo docente quanto à melhor forma de avaliar e a que instrumentos utilizar no processo avaliativo. Compreende-se que a avaliação é parte integrante do processo educativo, sendo um acompanhamento que o docente realiza com uma constante reflexão, o qual verifica as dificuldades discentes, assim como as falhas durante o processo, adequando métodos de ensino, retomando conteúdos, a fim de possibilitar a aprendizagem (LUCKESI, 1995).

Diante da problemática que instiga o aprofundamento sobre esse assunto, busca-se compreender se a

avaliação está sendo conduzida para fins de aprendizagem na visão dos professores. À frente da questão, justifica-se esse assunto por ser a avaliação utilizada em muitas escolas como um instrumento que busca promover ou não um aluno no fim de um ciclo. Diante dessa proposição, surge a nota, a qual, muitas vezes, acaba evidenciando os alunos à falta de capacidade, causando constrangimento ou receio quanto à questão avaliativa (HOFFMANN, 2008).

Durante a apresentação dos caminhos metodológicos, apresentam-se os aspectos formais da realização desse estudo, bem como o tipo de pesquisa, além da forma como foi realizada a coleta de dados, com quem as entrevistas foram feitas, de que forma e também se

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional pela FACCAT. Possui graduação em Pedagogia pela FACCAT (2012). Especialização em Gestão Educacional, com ênfase em Orientação e Supervisão pela FACCAT (2014). Especialização em Mídias na Educação pelo IFSUL (2015). Curso de Aperfeiçoamento de Professores para Atendimento Educacional Especializado na Perspectiva da Educação Inclusiva pela FURG (2015). Aperfeiçoamento em Professor para a Educação a Distância pelo IFRS (2017). Cursando especialização em Informática Instrumental para Professores da Educação Básica pela UFRGS. Aluna PEC do Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS. Professora na Rede Municipal de Parobé. fettershirlei@gmail.com.

² Mestre em Educação, UFRGS. raquelk@faccat.br.

³ Pedagoga, FACCAT. clecisenckowski@sou.faccat.br.

menciona que se optou em preservar a identidade dos participantes da pesquisa; assim, para manter o sigilo decidiu-se não citar o nome do município, da escola e utilizaram-se pseudônimos ao se referir aos mesmos.

Apresenta-se o alinhamento teórico tem como base os conceitos sobre a dimensão dialógica da avaliação, em que acontece apreciação constante com a prática, quando os envolvidos colocam-se um no lugar do outro, trocam ideias e, juntos, procuram soluções para as dificuldades existentes, promovendo uma ressignificação do aprender e do ensinar, visto que é um processo de construção conjunta de conhecimento (ESTEBAN, 2002).

Assim, aborda-se a avaliação da aprendizagem e sua importância apresentando os dados obtidos através das entrevistas com os professores. Além disso, foram apresentadas as respostas das entrevistas, destacando os fatos importantes das observações das aulas e da análise do Projeto Político-Pedagógico (PPP), as quais foram analisadas à luz dos teóricos em prol da construção de saberes e de uma real aprendizagem.

O sistema de avaliação apresentado à escola, e essa, dentro de seu referencial teórico, aos professores, os quais têm por incumbência conciliar requisitos do sistema, da escola e as problemáticas de aprendizagem em sala de aula. Por vezes, os instrumentos avaliativos não são utilizados para compreender se a avaliação está sendo conduzida para fins de aprendizagem, mas em apresentar o significado da avaliação da aprendizagem, aprovar ou reprovar, eis a questão.

2 PERCURSO METODOLÓGICO DO ESTUDO

O presente estudo é uma pesquisa qualitativa, cujo foco é de cunho exploratório, e os instrumentos utilizados foram entrevistas, análise documental do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, no que se refere à avaliação e às observações das aulas.

Sendo assim, a investigação tem por objetivo descobrir qual é a importância da avaliação e a sua interferência na aprendizagem. Portanto, assumiu um caráter descritivo e exploratório com coleta de dados e reflexão sobre os mesmos. A observação realizou-se em uma escola pública da rede municipal de ensino, na região do Vale do Sinos, com turmas de 3º ano ao 5º ano, para verificar como os alunos são avaliados no Ensino Fundamental, anos iniciais. Entrevistaram-se os professores titulares que trabalham com cada turma e um aluno por turma, somando-se, assim, seis entrevistados, somando três professores.

Quanto ao período de exploração das turmas, durou aproximadamente um mês. Os encontros foram

realizados semanalmente; cada um teve em média 30 minutos de duração, e cada observação das aulas foi de, aproximadamente, uma hora, em cada turma. Os fatos pertinentes a essas observações foram incorporadas, junto às entrevistas, na análise de dados.

A identidade dos entrevistados foi preservada; para isso foram usados pseudônimos, professora A, professora B e professora C. Os participantes da pesquisa receberam um documento que assegura a proteção de sua identidade, explicando como seria esse processo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) especifica que os participantes não teriam nenhum privilégio pessoal e que poderiam abandonar a investigação a qualquer momento, e ainda poderiam se omitir das respostas àquelas perguntas que lhes causassem algum constrangimento.

A entrevista foi composta por questões, porém, durante a sua realização surgiram outros questionamentos, que foram incorporados à análise de dados. Ela foi gravada, e, posteriormente, as respostas foram descritas pela acadêmica e apresentadas nesse trabalho. A análise de dados consistiu em diálogo entre a teoria e a prática, assim, como as reflexões que se fazem presentes. Conforme Moraes (1999), a análise de dados deste estudo dividiu-se em três etapas: a categorização, a descrição e a interpretação.

3 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NÃO É ALGO MERAMENTE TÉCNICO

Quando os professores falam em avaliação, muitos alunos ficam com medo e apreensivos quanto ao que vai ser cobrado na prova, pois esse é um momento tenso e de muita pressão para os discentes. O preconceito que Hoffmann (1992) aborda, é uma prática avaliativa em que o professor reproduz suas vivências enquanto estudante. Ainda para a autora, a avaliação é um processo natural que acontece para que o professor tenha uma noção dos conteúdos assimilados pelos educandos, bem como para saber se as metodologias de ensino adotadas por ele estão surtindo efeito na aprendizagem.

Outrora, avaliar significava apenas aplicar provas, dar uma nota e classificar os alunos em aprovados e reprovados. Atualmente, o processo avaliativo é entendido não só como o resultado dos testes e provas, mas também como os resultados dos trabalhos e/ou pesquisas que os pupilos realizam. Assim, ele se constitui de várias formas de avaliar e verificar a aprendizagem e entendimento dos alunos (HOFFMANN, 1992).

A aprendizagem é uma construção contínua que cada criança realiza; por isso, a avaliação não se limita a testes e provas, mas sim a toda a construção de apren-

dizagem, realizada durante o processo de aprender e ensinar. Luckesi (1995, p. 66) destaca que “a avaliação é um julgamento de valor sobre as manifestações relevantes da realidade, tendo em vista uma tomada de decisão”. O autor afirma que a avaliação possui três elementos sequenciais, os quais são o juízo de valor, o objeto de avaliação e a tomada de decisão. A avaliação é um juízo de valor, o qual deve possuir um padrão ou critério estabelecido, onde o desenvolvimento do aluno se torna cada vez mais satisfatório, na medida em que se aproxima desse padrão; e insatisfatório, na medida em que se distancia do mesmo.

Quanto ao objeto de avaliação, Luckesi (1995) explana que o julgamento, embora seja qualitativo, não é inteiramente subjetivo, porque o juízo depende dos indicadores da realidade, ou seja, da finalidade dessa avaliação. O autor ainda cita o exemplo da avaliação na área matemática, pois, quando se avalia o saber e o raciocínio, geralmente os professores esquecem outros fatores, priorizando um critério.

Referente à questão sobre como a avaliação conduz a uma tomada de decisão, Luckesi (1995, p. 33) menciona: “significa obrigatoriamente uma tomada de posição sobre o objeto avaliado”. A ideia pressupõe uma análise das dificuldades do aluno que desencadeia um posicionamento a respeito de como agir frente a essas situações, sendo, assim, uma tomada de decisão do docente.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei n. 9.394/96) estabelece que o rendimento escolar do aluno seja considerado como processo contínuo e cumulativo, assim sendo o seu desempenho no decorrer do processo, prevalecendo os aspectos qualitativos sobre os quantitativos e, conseqüentemente os resultados ao longo do período (BRASIL, 1996). A avaliação do processo de ensino e aprendizagem é realizada de forma contínua e cumulativa, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno. Por certo, não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve, como prática de investigação, interrogar a relação ensino – aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades, de uma forma dialógica.

Equitativamente, Sant’Anna (1995) segue a LDB, mencionando que a avaliação é um processo característico de temporalidade, continuidade, totalidade, organicidade e orientação para um fim. Melhor dizendo, deve integrar-se, ser contínua, dinâmica, progressiva, abrangente, voltada para o aluno, cooperativa, versátil e produtiva. Com base nas afirmações acima, pode-se perceber que o processo de avaliação deve considerar todo um processo, principalmente por se tratar de um todo, que visa uma produção de conhecimento.

Segundo os Parâmetros Curriculares, a concepção de avaliar é a seguinte:

A avaliação vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, através de notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a orientação pedagógica (BRASIL, 1997, p. 55).

Nesse sentido, Hoffmann (2014) expõe que avaliar é acompanhar o aluno em sua evolução e desenvolvimento, para que seja possível perceber as suas dificuldades e o seu entendimento do conteúdo, assim como o seu crescimento. A autora ainda define o termo avaliação: “[...] refere-se a um conjunto de procedimentos didáticos que se entendem por um longo tempo e em vários espaços escolares, de caráter processual e visando sempre à melhoria do objeto avaliado” (HOFFMANN, 2014, p. 13).

Nesta continuidade, a avaliação é um processo que visa à melhoria do educando em seu ato educacional. Hoffmann (2014) destaca que a avaliação não é um julgamento, mas uma forma de acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de uma criança, visto que durante esse percurso ocorrem mudanças em diversas áreas, e esse acompanhamento deve gerar intervenções que favoreçam ao máximo o seu desenvolvimento integral. A autora ainda afirma que a avaliação envolve um conjunto de procedimentos e ações, o qual denomina de fazer pedagógico.

Nessa perspectiva, avaliar é um ato que visa à construção e ao desenvolvimento e reflete em atitudes pedagógicas. Luckesi (1995, p. 165) diz que “a avaliação é um ato de investigar a qualidade dos resultados intermediários ou finais de uma ação, subsidiando sempre a sua melhora”. O autor destaca que o principal objetivo da avaliação é promover uma mudança, sendo essa para melhoria do aluno, como forma de progressão em sua ação educativa.

Conforme Méndez (2002) o real sentido da avaliação é de verificar o crescimento do aluno, em prol da construção de um conhecimento significativo. Luckesi (1995, p. 174) manifesta-se sobre o mesmo aspecto, apontando que o objetivo da avaliação é “auxiliar o educando no seu desenvolvimento pessoal, a partir do processo de ensino e aprendizagem, e responder à sociedade pela qualidade do trabalho realizado”. Sendo assim, a avaliação é importante para auxiliar no crescimento do aluno e para mostrar à sociedade todo o trabalho que é feito na escola, em relação a cada indivíduo.

Melchior (2001, p. 18) retrata a importância da avaliação dizendo que “serve, antes de tudo, para identificar como o aprendiz está se movimentando frente às novas aprendizagens, o que já é de seu domínio, os objetivos que ele ainda não alcançou e quais são as suas dificuldades”. Através do pensamento dessa autora, pode-se perceber que a importância da avaliação é diagnosticar as dificuldades do aluno e também as suas facilidades.

Esteban (2002, p. 24) acredita que “a avaliação como prática de investigação tem o sentido de romper as barreiras entre os participantes do processo de ensino/aprendizagem e entre os conhecimentos presentes no contexto escolar”. Desta forma, a avaliação rompe barreiras no sentido de reconhecer as dificuldades dos alunos para, posteriormente, traçarem-se soluções e mediações para se adquirir o conhecimento. Hoffmann (2014) menciona que o sentido de avaliar é acompanhar o aluno em sua evolução e desenvolvimento, verificando as suas dificuldades, seu nível de entendimento e o seu rendimento.

Assim, a avaliação é um dos processos mais importantes para perceber o crescimento e o entendimento dos discentes mediante os conteúdos trabalhados e a forma com que o professor ensina. Após essa avaliação, o educador reflete e analisa os resultados, verificando se a metodologia utilizada está promovendo aprendizagem. Então, o mestre procura repensar a prática, realizar as alterações necessárias para que o discente possa construir o conhecimento de forma significativa.

4 CONCEPÇÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Para melhor entendimento, destacam-se concepções sobre avaliação. Conforme Weber (2007), elas podem ser formativa, mediadora, emancipatória, diagnóstica e também somativa/tradicional. A autora ainda explica que na avaliação formativa o professor avalia o crescimento do aluno, durante o processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de verificar as lacunas existentes durante tal processo, para então reformular a sua prática, garantindo, assim, a construção de novos saberes.

Quanto à avaliação mediadora, segundo a linha de Hoffmann (2000), essa consiste em um acompanhamento das hipóteses do aluno que se formulam ao longo do processo de ensino. A mesma tem por objetivo promover a intervenção que favoreça a descoberta de novos conhecimentos e a aquisição de um saber real. No entanto, o processo de ensino-aprendizado e a avaliação andam juntos e visam a uma construção conjunta do aluno e do professor.

Tratando-se de avaliação emancipatória, Weber (2007) explica que ela está ligada a fatores sociais, contribuindo para transformar uma realidade. A avaliação diagnóstica se refere ao acompanhamento contínuo, e o professor verifica em que momento do processo o aluno se encontra, selecionando atividades e intervindo diretamente, possibilitando a melhoria do aprendizado e da vida desse sujeito. Por fim, a avaliação somativa ou tradicional é aquela que atribui uma nota no fim de um ciclo.

Na metodologia deste trabalho, mencionou-se que os participantes da pesquisa foram os professores de uma escola pública. Destarte, apresenta-se a análise dos dados obtidos através de conversas com os docentes. Quanto ao gênero desses professores, coincidiu que todas são do sexo feminino. De acordo com o já mencionado, optou-se em não mencionar o município, a escola e preservar a imagem docente. Para tanto, inicia-se a relação dialógica entre a teoria e resultados obtidos a partir de entrevistas com as professoras A, B e C.

Diante dessas explicações, seguem as concepções de avaliação da aprendizagem das professoras entrevistadas:

A primeira entrevistada, professora A, diz que “A avaliação é muito importante para saber se o aluno está assimilando o que estou ensinando”. A segunda entrevistada, professora B, acredita que “A avaliação é um importante instrumento para o professor identificar se os alunos estão assimilando, ou não, os conteúdos estudados”.

Sobre o pensamento exposto pelas duas primeiras entrevistadas, pode-se verificar que as opiniões se direcionam ao encontro da corrente tradicional de educação e avaliação. Na perspectiva das entrevistadas, é a forma correta ensinarem os conteúdos e verificarem se os educandos estão ou não devolvendo aprendizagem. Quanto à professora C,

“Bem, a avaliação para mim é um instrumento que vai mensurar, infelizmente é nesse sentido, tu vai mensurar o que o aluno realmente aproveitou, aprendeu durante as tuas aulas. Apesar de eu pensar que a avaliação é injusta, pois não é numa avaliação que o aluno vai demonstrar tudo aquilo que ele sabe, porque, às vezes, o aluno fica nervoso e não consegue resolver, e tu sabes que são alunos bons dentro da sala de aula. E também tem aqueles alunos que dentro da sala de aula não estão fazendo nada, e chegam na hora da avaliação, eles conseguem; então, por isso, eu acho que ela é meio injusta. Se ela é importante? É também, porque às vezes ali, tu tens uma noção de até que ponto o aluno está conseguindo e, às vezes, até para o professor se avaliar: Bah! Será que eu consegui trabalhar corretamente esse assunto, ou não? Será que deixei alguma lacuna? Será que eu não trabalhei? Alguma coisa eu deixei de fazer, portanto serve, também, para avaliar o professor”.

Através das palavras dessa entrevistada, pode-se perceber que a sua concepção de avaliação e de fazer pedagógico está de acordo com as concepções avaliativas formadora, diagnóstica e mediadora. No entanto, a mesma menciona que não é no momento avaliativo que o aluno irá mostrar tudo o que ele sabe, por inúmeros fatores, sendo um deles o emocional. Percebe-se, por sua posição, que a educadora avalia a construção e o crescimento dos seus alunos. Durante a conversa, a mesma ainda diz que uma das finalidades da avaliação e sua importância é analisar a metodologia de trabalho do professor, verificando a necessidade de rever as metodologias.

Para discorrer sobre pensamento da entrevistada C, recorre-se às ideias de Freire (1997), no que se refere à importância da avaliação em seu sentido dialógico, isto é, através do diálogo. Nessa direção, a avaliação não é um avaliando o outro, e sim a avaliação conjunta de uma prática, envolvendo em seu desenvolvimento erros e acertos encontrados.

Em conformidade com Melchior (2001), pode-se destacar que a avaliação serve, antes de tudo, para perceber como o estudante está construindo a sua aprendizagem, o que já alcançou o que ainda não assimilou e, também, as suas dificuldades. Da mesma forma, Luckesi (1995) aborda os objetivos da avaliação, afirmando que sua consistência está em promover o desenvolvimento pessoal do educando, mostrando os resultados dessa intervenção à sociedade.

Em analogia, as posições das entrevistadas referentes ao objetivo da avaliação:

“O objetivo da avaliação é ver se realmente a forma com que estou avaliando está dando certo e se eles estão entendendo, pois se eles não estão entendendo, eu tenho que mudar o meu método” (PROFESSORA A).

“A avaliação deve servir para identificar o nível de aprendizagem do aluno (diagnóstico), bem como seus progressos e dificuldades. Ela não deve ser um produto final do conhecimento do aluno, e sim ser usada como instrumento mediador de auxílio para o planejamento do professor, pois os conteúdos que os alunos ainda não assimilaram devem ser revistos com outras abordagens para melhor entendimento dos alunos” (PROFESSORA B).

“Acho que volta a questão da primeira. Refletir sobre a prática do professor para ver se realmente tu tá alcançando os objetivos propostos e para ver se realmente os alunos estão conseguindo repassar aquilo que tu passaste” (PROFESSORA C).

Através das falas das educadoras, percebe-se que há concordância quanto à perspectiva de diagnóstico de avaliação. Sobre isso, o sentido é verificar o que o aluno

assimilou e aprendeu durante o processo e também o que precisa ser retomado; ademais, a avaliação assume a função de considerar a prática do professor – ponto mencionado pelas três participantes –, esclarecer e analisar se a metodologia do professor está desempenhando e garantindo a aprendizagem dos alunos; caso contrário, novos caminhos necessitam ser trilhados tanto na avaliação quanto no processo ensino-aprendizagem.

Conforme Hoffmann (1992), a avaliação parte de um processo natural, o qual possibilita uma reflexão e percepção por parte do professor a respeito do que o aluno sabe e o que precisa ser retomado, e até mesmo para saber se a metodologia de trabalho está surtindo efeito. Bonboir (1976, p. 55) afirma que, se não há eficácia no ensino, “é um sinal que tudo deve ser revisto: a metodologia não está conectada; enquanto o insucesso se manifestar, será necessário proceder a ajustamentos, aperfeiçoar o modo de ação”. Luckesi (1995) complementa dizendo que a avaliação existe para promover a aprendizagem do aluno.

Diante do exposto, percebe-se que as entrevistadas reconhecem que a função não só da avaliação, mas também da escola, é de assegurar a aprendizagem dos alunos, mesmo que para isso seja preciso modificar a forma de trabalho de cada professor, pois a escola deve garantir o crescimento intelectual de cada aluno.

Existem inúmeros caminhos e formas de avaliar um aluno, que dependem da concepção pedagógica de cada professor e dos caminhos escolhidos pela escola, para nortear o fazer pedagógico e a avaliação. Quanto às formas de avaliação que as participantes dessa pesquisa conhecem e utilizam, seguem suas explanações: “*Eu faço quatro avaliações por trimestre, uma de português, uma de matemática, um ditado e produção de frases*” (PROFESSORA A).

Percebe-se que a entrevistada valoriza o produto final do conhecimento. A verificação da aprendizagem dos alunos, que é realizada por meio de testes, um processo somativo, a qual Weber (2007) menciona ser uma verificação que ocorre no final de um ciclo e, após, atribui-se uma nota. Diante disso, percebe-se a valorização do produto final e não da construção realizada pelo educando. Já professora B valoriza toda a construção que o aluno faz em sala de aula, tanto em aprendizagens quanto em atitudes; ela mesma a denomina de uma avaliação integral. “*Como professora das séries iniciais, costumo avaliar meus alunos de forma integral, ou seja, através das participações nas aulas, realização das atividades feitas de forma oral e escrita, avaliações individuais, organização do caderno, etc.*”.

Compreende-se que a professora B utiliza várias formas de avaliação, que correspondem à construção de aprendizagem desenvolvida em sala de aula pelo estudante. Dessa forma, percebe-se que a educadora possui preocupação com o crescimento dos seus pupilos; destarte, avalia de forma diagnóstica. Em consequência disso, Weber (2007) aponta que o processo o aluno se destaca a fim de melhorar a sua aprendizagem. Além disso, a entrevistada usa o aspecto formativo da avaliação, pondo em evidência o acompanhamento e crescimento dos alunos durante o processo, com o propósito de diagnosticar os lapsos de sua metodologia, para então reformular práticas, contribuindo para os alunos superarem suas dificuldades.

A professora C demonstra compreender o processo sobre avaliação. A mesma salienta que as formas de avaliar conhecidas por ela são: “*A qualitativa e a quantitativa*”. Portanto, foi instigada a explicar a concepção de avaliação. Assim, obteve-se a seguinte afirmativa:

“Na quantitativa, se mensura o que o aluno aprendeu pela prova e atribui uma nota e, na qualitativa, tu vê o todo, vê o crescimento, não é somente ver como ele foi naquela prova, tu vais ver aquele exercício, vai ver dentro da sala de aula, então é assim, acho que é mais ampla, a forma de trabalho, tu vê o todo do aluno, não somente o que foi exposto no papel” (PROFESSORA C).

Luckesi (1995, p. 35) aborda a questão da função da avaliação como “momento dialético no processo, em que se considera o desenvolvimento da ação, do crescimento à autonomia”. O autor reforça a questão do que está ocorrendo no processo, traçando-se ações que promovam crescimento e autonomia na busca pelo saber. Desta forma, a avaliação tem a função de analisar as atividades e meios a fim de programar as futuras ações docentes.

As escolas apresentam concepções e formas de avaliação, para acompanhar a construção do saber, tratando sobre os instrumentos avaliativos no Projeto-Político Pedagógico da escola. Em conformidade o PPP respalda:

[...] Além de ser contínua deve ser diversificada, possibilitando assim diferentes formas de trabalho, dando ao educando oportunidades de expor seus conhecimentos adquiridos durante o trimestre. Exemplo de avaliações a serem aplicadas: exercícios dissertativos, objetivos, trabalhos em grupo escritos e orais (teatros e outras formas de usarem as mídias).

Ao comparar-se o documento da escola com a LDB, nota-se que o mesmo foi elaborado em concordância com a lei, pois ambos estabelecem uma avalia-

ção diversificada e contínua. Quanto ao trabalho das professoras, percebe-se que as mesmas estão de acordo com a lei e com as sugestões de trabalho propostas no PPP da escola pesquisada, sendo que nele se menciona que a avaliação é trimestral e que devem ser aplicadas avaliações, como dissertativas, objetivas, entre outras.

4.1 CAMINHOS TRILHADOS PELA ESCOLA REFERENTES À AVALIAÇÃO

A pesquisa envolveu, como parte de um todo, a relação que se estabelece na avaliação de 3º ano ao 5º. A passagem encontrada no Projeto Político Pedagógico da escola acontece da seguinte forma: “Do 3º ao 5º: O professor oportunizará diversos trabalhos de avaliação, nas diferentes áreas de estudo que demonstram o grau de assimilação do processo ensino-aprendizagem do aluno e definirá uma nota global de 10 a 100, acompanhada de parecer descritivo.”

Quanto às entrevistas com as professoras, questionou-se sobre como acontece o sistema avaliativo da escola, se o mesmo é por trimestre, se a escola impunha algum instrumento avaliativo. A resposta da mesma e das demais entrevistadas foi a seguinte:

“Funciona por trimestre, sendo a média 60 e a máxima 100. Na verdade a escola sugere que os professores devem ter no mínimo quatro avaliações por trimestre. Daí eu aplico uma de matemática, uma de português, um ditado e uma produção de frases, incluo nessa avaliação a questão da organização do caderno e também o comportamento, porque a turma é muito agitada” (PROFESSORA A).

A professora B revela que “a maioria dos professores opta por provas descritivas, com ou sem consulta, e trabalhos individuais ou em grupos”. Neste mesmo sentido, a professora C expõe: “[...] que temos autonomia, a escola não impõe, vocês têm que fazer esse tipo de avaliação. Não, então usamos as duas formas, a quantitativa e a qualitativa”. Sustenta Luckesi (2000) que bons instrumentos avaliativos são aqueles que geram uma qualificação do aluno, ou seja, uma aprendizagem.

Corroborando, percebe-se que a escola não impõe nenhum tipo de avaliação, sugere uma nota trimestral de 10 a 100, mas ressalta que deve ser um acompanhamento global do educando e que essa nota deve estar acompanhada de parecer descritivo, isso ao se tratar de fechamento de trimestre. Nota-se que as professoras trabalham com os dois vieses, o quantitativo, quando se estabelece uma nota, e o qualitativo, ao verificar o crescimento dos alunos, referente a atitudes e aprendizagens.

Reforçando, Hoffmann (2014, p. 14) menciona que “mesmo que se acompanhe e conheça todas as rea-

ções de uma criança, não se estará avaliando, no sentido pleno, se a intenção não for a de auxiliá-la, de um fazer pedagógico que contribua para o seu desenvolvimento”. Portanto, o processo avaliativo tem como responsabilidade propiciar o desenvolvimento global do aluno, possibilitando-lhe a construção de novos saberes.

4.2 PROTAGONISMO DISCENTE E DOCENTE FRENTE À APRENDIZAGEM

Em relação aos papéis dos envolvidos no processo avaliativo, seguem as opiniões das educadoras entrevistadas:

A professora A diz que “*O papel do professor é... [SILÊNCIO] ver até que ponto o aluno está aprendendo e o papel do aluno é transmitir o que foi ensinado*”.

“O professor, enquanto mediador da aprendizagem, deve utilizar a avaliação para avaliar o conhecimento dos alunos e até mesmo o seu trabalho como educador, pois, através dela, é possível perceber se os alunos estão assimilando ou não os conteúdos estudados. A avaliação deve servir, única e exclusivamente, para identificar o nível de aprendizagem dos alunos e não como uma forma de castigo ou correção disciplinar. O aluno, por sua vez, apresentará todo o conhecimento adquirido durante as aulas, bem como suas dificuldades, pois numa prova bem elaborada é possível identificar o que o aluno aprendeu e o que não foi bem assimilado ainda” (PROFESSORA B).

“Penso que o aluno entende que o professor me deu vermelho na avaliação, mas ele não se dá conta que ele não alcançou as metas, ele não chegou ao objetivo daquela avaliação. Então, é complicado... Mas assim, ao mesmo tempo, é uma forma que tu tem de dizer para o aluno: Olha, você precisa melhorar tal coisa. Então assim, ele não tem aquela visão de uma parte, ele tem a visão do todo, acha que está conseguindo fazer tudo, mas quando ele percebe, não, eu não estou pronto o suficiente, e vale para o professor também, para ele se avaliar, para ver o quanto ele está atingindo o seu aluno ou não” (PROFESSORA, C).

Ambas acreditam que o papel do professor na avaliação é refletir sobre se o aluno está aprendendo, verificando as suas dificuldades e, diante disso, elaborar formas e metodologias que se disponham a sanar as lacunas encontradas durante o processo de ensino. Quanto ao papel do aluno, segundo as mesmas, é demonstrar o que aprendeu, seja por meio do dia a dia em sala de aula ou em um momento avaliativo. Porém, a última entrevistada deixa transparecer que o papel do professor vai muito além de analisar as dificuldades do aluno, verificando as lacunas existentes, para então traçar novas formas de ensinar, visando à construção do saber. Ela dá a entender que o papel do professor é de media-

dor, pois, conforme Hoffmann (2000), consiste em um acompanhamento das hipóteses que vêm sendo formuladas pelo aluno, intervindo junto com ele em busca da construção de um novo saber.

Luckesi (2000) também trata do assunto enquanto acompanhamento do aluno, no que se refere à disposição de acolher, percebendo a sua dificuldade, para então criar novas estratégias para que a aprendizagem aconteça. A fala da terceira entrevistada vai ao encontro desse autor, na perspectiva de explicar ao aluno os motivos pelos quais ele não conseguiu alcançar os objetivos, o que ele conseguiu e o que faltou. Nessa perspectiva, percebe-se um acolhimento pela terceira professora.

Em fechamento, a função do docente, de acordo com os autores estudados, é refletir sobre a sua prática diária, acompanhando o educando em seu caminho de construção de conhecimento. Segundo Demo (2007), o compromisso docente é de atentar à aprendizagem dos alunos, diagnosticando suas dificuldades, retomando conceitos/conteúdos, e até mesmo reformular a sua didática, quantas vezes for necessário, a fim de garantir a aprendizagem dos alunos.

Dessa forma, define-se que o protagonismo do aluno quanto à construção do seu conhecimento de forma ativa e participativa, essa construção se desenvolve em todas as etapas, priorizando a singularidade de cada um, refletindo sobre a melhor forma de garantir a aprendizagem dos alunos diante de cada subjetividade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação é importante, sendo ela a forma como o professor avalia a aprendizagem dos alunos, verificando as suas dificuldades, e assim traça novos caminhos de ensino que venham ao encontro da aprendizagem.

Constatarem-se diversas formas e instrumentos avaliativos: no quantitativo avalia-se e atribui-se uma nota no fim de um ciclo, os qualitativos consistem em acompanhar e mediar a relação do estudante com o objeto de estudo, promovendo a construção da aprendizagem e fazendo-o entender a importância de desenvolver hábitos de estudo diários.

Através das entrevistas com as professoras foi possível perceber que algumas delas ainda confundem a avaliação da aprendizagem com um momento de verificação, restringindo a mesma a provas e outros instrumentos, por vezes esquecendo que o aluno é um sujeito integral em construção e um ser ativo no processo. Concepção que está caracterizada à linha tradicional de ensino na perspectiva da professora transmitir o conhecimento e o aluno recebê-lo para, em uma prova, mostrar

o que aprendeu como se fosse uma devolução de conteúdos.

Percebe-se a existência de exceções. Uma das professoras acredita que se deve avaliar o aluno por inteiro, valorizando todo o seu processo de construção, tanto de conhecimento quanto como cidadão, pois não é em uma prova que o aluno irá mostrar tudo o que ele sabe, pois muitos alunos ficam nervosos durante essa verificação e isso acaba interferindo em seu desenvolvimento, causando um bloqueio de ideias.

Porventura há outros que possuem dificuldade em expressar-se oralmente e, durante a avaliação, conseguem demonstrar por escrito o que aprenderam; ainda há aqueles que passaram o tempo todo agindo de forma irresponsável em relação aos seus estudos, não realizando as tarefas e perturbando a aula, e tais alunos estudam para a avaliação e acabam conseguindo. Sendo assim, entende-se a avaliação como injusta, porque nem todos os alunos tiveram o mesmo aproveitamento e interesse durante as aulas, nem mesmo possuem as mesmas habilidades.

Diante do exposto, faz-se necessário avaliar todo o processo de ensino e aprendizagem e de avaliação, verificando atitudes, diversificando instrumentos, observando como cada aluno aprende e o que ainda falta para aprender, para que sejam traçadas novas estratégias que sanem as dificuldades do aluno, em prol do principal objetivo da avaliação e da escola: possibilitar a aprendizagem dos alunos.

O Projeto Político-Pedagógico da escola pesquisada menciona as duas formas, sugerindo uma diversificação de métodos de ensino e avaliativos, porém, nas entrevistas e nas observações das aulas, verificou-se que as formas de ensino são expositivas, “o famoso quadro e caderno, ou até mesmo folhinha”; além disso, foi possível perceber que os instrumentos preferidos pelas avaliadoras são basicamente trabalhos, ditados e provas, realizados no fim de uma sequência de conteúdo, geralmente individuais, os quais não possibilitam uma troca entre a classe.

Em relação aos papéis dos envolvidos no processo, pode-se notar que as docentes reconhecem que a avaliação serve para analisar se os discentes estão aprendendo; caso contrário, devem fazer alterações em sua metodologia de trabalho, revendo seus conteúdos e diversificando os recursos de aprendizagem. Sendo assim, a função docente é identificar as dificuldades, durante o processo, refletindo, reformulando práticas para que a aprendizagem aconteça.

No que se refere ao papel do aluno, percebe-se apontamentos um tanto complicado, visto que os pro-

fessores esperam que ele seja comprometido, que consiga construir o seu próprio conhecimento e que o demonstre, mas, na verdade, o que acontece é uma falta de interesse e uma desmotivação, talvez por não terem tido a oportunidade de expressar-se de outra forma que não seja a escrita, ou até pelo método tradicional de ensino utilizado pelo docente.

Necessita-se uma ressignificação do ensino, desde a didática do professor, postura do aluno, a importância de hábitos de estudo, e até mesmo de uma inovação na forma de ensinar, por meio de trocas e reflexões entre mestre e discípulos. Grande parte dos alunos se vê apenas como receptores e reprodutores que precisam seguir padrões exigidos em documentos e tirar boas notas, quando deveriam compreender que a nota é um mero detalhe e que o importante é construir novos conhecimentos.

Sendo assim, a avaliação é um momento de reflexão, em que os envolvidos no processo avaliam uma prática de forma constante para que novos saberes sejam constituídos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 20 dez. 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BONBOIR, Anna. **Como avaliar os alunos.** Lisboa: Seara Nova, 1976.
- DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento.** 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Escola pública, comunidade e avaliação: resgatando a avaliação formativa como instrumento de emancipação. In: ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7-28.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliação: mito e desafio: uma perspectiva construtivista.** 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 1992.
- _____. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade.** 18. ed. Porto Alegre: Mediação, 2000.
- _____. **Avaliar: respeitar primeiro, educar depois.** Porto Alegre: Mediação, 2008.
- _____. **Avaliação e Educação Infantil: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem? **Revista Pátio**, Porto Alegre, n. 12, p. 6-11, fev./mar. 2000.

MELCHIOR, Maria Celina (Org.). **Avaliação para qualificar a prática docente: espaço para a ação supervisora**. Porto Alegre: Premier, 2001.

MÉNDEZ, Juan M. Álvarez. **Avaliar para conhecer: examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, n. 37, mar. 1999.

SANT'ANA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?: Critérios e instrumentos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

WEBER, Sônia Suzana Farias. **Avaliação da aprendizagem escolar: práticas em novas perspectivas**. 2007. 199f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede/tde_arquivos/18/TDE-2007-12-21T192416Z-1203/Publico/SONIAWEBER.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2017.